

Educação na pandemia: Educação online ou Educação a Distância?

Estamos vivendo um tempo de mudanças. Durante a nossa vida acadêmica participamos de discussões sobre a Educação a Distância (EAD): opiniões favoráveis e outras totalmente contrárias faziam parte das conversas. Sempre que nos perguntavam, procurávamos destacar os prós e os contras da modalidade, pois, sabemos de sua necessidade e importância. A EAD em determinados espaços geográficos, nos quais a educação presencial não era possível, por motivos variados, era um dos argumentos favoráveis, entre outros.

Agora, o mundo está vivendo uma pandemia, o que nos obrigou a fazer algumas mudanças na vida e em nossas salas de aulas, que agora são virtuais. Comunicamos-nos pelo computador e/ou celular, compartilhamos um tempo significativo de aprendizagens, no qual precisamos, literalmente, *'fazeraprendendo'* e *'aprenderesinando'*.

Santos (2014) afirma que

a educação online não é simplesmente sinônimo de educação a distância. A educação online é uma modalidade de educação que pode ser vivenciada e exercitada tanto para potencializar situações de aprendizagem mediadas por encontros presenciais e a distância, caso os sujeitos do processo não possam ou não queiram se encontrar face a face; ou híbridos, quando os encontros presenciais podem ser combinados com encontros mediados por tecnologias telemáticas. (p.125)

Diante disso, levantamos uma discussão que se apresenta e da qual discordamos: muitos falam que os cursos presenciais passaram a ser cursos de Educação a Distância. Não nos posicionamos contra essa modalidade, pois acreditamos na sua importância, porém, acreditamos que são duas coisas diferentes. Na EAD as aulas são elaboradas por um grupo de conteudistas que, muitas vezes, sequer conhecem o público a que o curso se destina. As aulas (ou módulos) são criadas e vendidas para um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Os estudantes acessam as aulas e existem tutores para auxiliá-los com possíveis dúvidas. E então, não existe, necessariamente, uma interligação direta do professor com o estudante.

O que vivemos atualmente é o que chamamos de Educação online ou remota, ela é temporária e sabemos que vamos voltar a nos encontrar. Nesse modelo de Educação os professores preparam suas aulas pensando nos seus estudantes, e as transmitem aos estudantes por uma plataforma online, ou seja, estamos falando com os alunos, trocando '*conhecimentossignificações*' com eles. Essa comunicação pode ser síncrona ou assíncrona, o que nos permite a troca de saberes independentemente de onde estivermos.

As mídias digitais e as redes sociais têm um grande potencial pedagógico e os exemplos mais significativos dessa afirmativa podem ser encontrados no ciberespaço, que traz novos usos e novas possibilidades para a educação, permitindo a interatividade, a autoria e a co-criação. (SANTOS; SANTOS, 2013;45).

Escutamos e lemos comentários sobre esse novo modelo de educação:

- Desse jeito ninguém aprende nada;
- O professor finge que ensina e o estudante finge que aprende;

Mas, em nossa opinião, 'não perder' é diferente e melhor do que 'não ganhar', isto é, mesmo que pouca coisa nova tenha sido aprendida nos encontros virtuais, é uma forma de não ficar 'parado' ou isolado, o que pode ser muito prejudicial. A conexão possibilita uma forma de pensar e criar junto, o que pode ser muito bom para os estudantes. Acreditamos que

todo esforço para a troca de conhecimentos é válido, e é no 'dentrofora' das escolas que nossas redes vão ser formando.

Estamos vivendo um período de buscas de caminhos, como Alice no País das Maravilhas:



Lewis Carroll Alice no País das Maravilhas

- *Por favor, poderia me dizer que caminho devo tomar aqui?* – Perguntou Alice.
- *Depende muito do lugar aonde você quer chegar* – disse o Gato.
- *Pode ser qualquer um* – respondeu Alice.
- *Então não importa que caminho vai tomar* – observou o Gato.
- *Desde que eu chegue a algum lugar* – acrescentou Alice à guisa de explicação.
- *Ah, se andar bastante* – disse o Gato – *com certeza vai chegar.*

Então, vamos como Alice tentando chegar a um lugar que nos mostre que o melhor a fazer é buscar 'conhecimentossignificações' para entendermos a vida, em tempos de pandemia e para seguirmos criando, sempre.

Referências:

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Santo Tirso/Pt: Whitebooks, 2014.

SANTOS, Edméa O.; SANTOS, Rosemary. A tessitura do conhecimento via mídias e redes sociais da internet: notas de uma pesquisa-formação multirreferencial em um Curso de Especialização. Educação em Foco (Juiz

de Fora), v. 17, p. 45, 2013.
Disponível: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2014/06/texto-2.pdf>
Acesso em 05 de agosto de 2020.

Sobre as autoras:

Claudia Chagas

Possui Doutorado e Mestrado em Educação, pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Proped/UERJ e Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Atualmente é bolsista PNPd/CApES, junto ao GrPesq “Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons.” /ProPEd/UERJ

Izadora Agueda

Possui Mestrado em Educação, pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Proped/UERJ e Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Atualmente é bolsista de Treinamento e Capacitação Técnica (TCT), FAPERJ, junto ao GrPesq “Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons.” /ProPEd/UERJ